

Cleomar Rocha *

Sobre dispositivo e arte tecnológica

* **Cleomar Rocha** é pós-doutor em Cidades Inteligentes (USP), pós-doutor em Poéticas interdisciplinares (UFRJ), em Estudos Culturais (UFRJ) e em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP), doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e mestre em Arte e Tecnologia da Imagem (UnB). Professor dos programas de pós-graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), Performances Culturais (FCS/UFG) e Artes (IdA/UnB). Pesquisador produtividade do CNPq.
<cleomarrocha@gmail.com>
ORCID 0000-0003-0483-8380

Resumo O artigo discute o conceito de dispositivo, tendo por base as concepções de Foucault e Agamben, seguindo a Filosofia da Tecnologia, desde Heidegger e Feenberg até as concepções de Don Ihde, em articulação com a arte tecnológica. De orientação analítica, o texto conclui que a arte tecnológica é, per se, ontologicamente vinculada à concepção de dispositivo, em seu alinhamento com a Filosofia da Tecnologia.

Palavras-chave Dispositivo, Arte tecnológica, Filosofia da tecnologia.

About devices and technological art

Abstract *The article discusses the concept of device, based on the conceptions of Foucault and Agamben, following the Philosophy of Technology, from Heidegger and Feenberg to the conceptions of Don Ihde, in conjunction with technological art. Analytical in orientation, the text concludes that technological art is, in itself, ontologically linked to the conception of a device, in its alignment with the Philosophy of Technology.*

Keywords *Device, Technological art, Philosophy of technology.*

Sobre dispositivo y arte tecnológico

Resumen *El artículo analiza el concepto de dispositivo, a partir de las concepciones de Foucault y Agamben, siguiendo la Filosofía de la Tecnología, desde Heidegger y Feenberg hasta las concepciones de Don Ihde, en conjunto con el arte tecnológico. De orientación analítica, el texto concluye que el arte tecnológico está, en sí mismo, ontológicamente vinculado a la concepción de un dispositivo, en su alineación con la Filosofía de la Tecnología.*

Palabras clave *Dispositivo, Arte tecnológico, Filosofía de la tecnología.*

Introdução

Heidegger (2001) tornou-se um marco para a discussão sobre a técnica e a tecnologia¹ ao reivindicar estudos mais densos sobre o que ele chamou de técnica moderna, a tecnologia. Seus argumentos estavam centrados em alguns pontos específicos, como a autonomia da técnica, cujo discurso manteve-se centrado na relação de causalidade, sem articulações com a cultura e seus contextos, e o risco de a tecnologia, já transversal na sociedade e com forte impacto sociocultural, tornar-se um sério problema em função dessa característica. Essa segregação manteve a técnica relegada a um papel secundário e mediano, sem despertar interesses por áreas mais amplas e contextuais. Não por outro motivo, complementa Feenberg (2003), a história da técnica remonta muito mais aparelhos que os contextos em que eles foram recursos usuais.

Essa autonomia atribuída à técnica ainda repercute fortemente na concepção da tecnologia, revelando duas correntes, como aponta Feenberg (2003): o determinismo e o substantivismo. O determinismo, segundo o autor, além da concepção autônoma da tecnologia, ainda é caracterizada pela pretensa neutralidade, e vigora em discursos sobre a evolução tecnológica per si, sem que haja espaço para variações, já que a autonomia garantiria um percurso sem atropelos, mantendo a tecnologia como que em uma perspectiva auto suficiente, personificada. Já o substantivismo diverge do primeiro por não entender a neutralidade da tecnologia, antes, atribui o valor a ela, notadamente valores que a tornam mais e mais relevante para o desenvolvimento social. Essas variações entre determinismo e substantivismo são facilmente observáveis em projetos de cidades inteligentes, para citar um exemplo.

Heidegger (2001) ainda argumenta que, uma vez normalizada como prática cultural e presente no cotidiano das pessoas, a técnica moderna (tecnologia) pode ocasionar um problema para a humanidade, caso persista essa concepção desvinculada aos contextos socioculturais, mas que a própria técnica oferece a solução, se seu lastro for revisto. A solução para esse problema está, segundo o autor, na própria tecnologia, em sua essência. Isso implica dizer que os estudos sobre a tecnologia poderiam corrigir seu caminho, resultando em uma atuação socialmente responsável.

É por essa abordagem que, a partir de 1979 surge um novo campo da Filosofia, a Filosofia da Tecnologia, que busca problematizar a tecnologia amalgamada com a cultura. Enquanto conhecimentos e não artefatos, técnica e tecnologia se assentam como dispositivos, disparadores de subjetivação, portanto não isolados nos equipamentos ou aparatos tecnológicos. Dispositivos incluem uma série de elementos, como aponta Foucault:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.

Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2012, 364).

Foucault ainda define dois outros entendimentos sobre dispositivos, sendo uma espécie de jogo, “ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.” (2012, 364), e o terceiro como elemento estratégico historicamente contextualizado. “O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (2012, 364).

Compreender que a tecnologia opera com dispositivos e não somente com equipamentos torna-se, nesse entendimento, a chave para superar a discursividade técnica e alcançar a essência de que falava Heidegger. Mais que isso, essa abordagem estabelece o contexto dos aparatos tecnológicos, alcançando o humano em processos de subjetivação, como destaca Agamben (2007). Para ele, dispositivos são capazes de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (p. 40).

A tecnologia e seus aparatos são dispositivos, cujas concepções definem sua relação de sentido. Feenberg (2003) busca, em sua Teoria Crítica da Tecnologia, o lastro discursivo que observa as perspectivas de construção social de uma democracia tecnológica, algo que se vê reverberado nos recentes estudos de Teixeira Coelho (2019), em sua definição de eCultura.

Tecnologia

Parece haver consenso que a tecnologia se adere ao conceito de Ciência, distanciando-se da técnica em sua inscrição na causalidade, como discute Oliveira (2012). Ainda segundo o autor, historicamente a tecnologia se posiciona a partir da revolução industrial. A inserção do método científico torna-se fundamental para a passagem do conhecimento técnico para o tecnológico, deflagrando um novo paradigma de conhecimento, exatamente na confluência da Ciência, como modelo do conhecimento, e da tecnologia, como modelo de controle (FEENBERG, 2003). O controle de que fala Feenberg não é outra coisa que não a ideologia dominante. Essa abordagem explicaria como a tecnologia estabelece seu lastro na sociedade, tornando-se campo próspero de desenvolvimento científico e social, modelizando a sociedade contemporânea e definindo sua performatividade.

Os modos de agir contemporâneo se inscrevem em uma sociedade da informação ou sociedade do conhecimento, cujos regimes operam com o pulsar do desenvolvimento tecnológico, nova economia planetária. Mais que isso, a tecnologia como dispositivo social organiza a cena, protagonizando o contemporâneo e se estabelecendo como marca indelével de sua cultura, amalgamado com o fazer, o compreender e o próprio viver hodierno. Não há melhor ícone da contemporaneidade que a tecnologia.

Os aparatos tecnológicos, frutos materiais da tecnologia, instrumentalizam as práticas culturais em todas as áreas de conhecimento, fazendo a sociedade performar no ritmo de sua pulsação frenética. A aceleração (SANTOS, 2009) típica dessa sociedade inscreve a tecnologia como valor em sua gênese, articulando a cultura como uma prática que passa a depender da própria tecnologia. Se a satisfação é um traço verificável da relação entre humano e aparelhos tecnológicos (MURRAY, 2012), torna-se inegável que a satisfação vem da efetividade entre ação de usuário, ou agência, e ação de sistema, ou transformação. Mas vem também do reconhecimento, elemento primeiro, já apontado por Aristóteles (2005), e passível de verificação quando se nota a universalização dos aparelhos interativos, lastreados em todos os fazeres humanos, do lazer ao trabalho, da Ciência ao entretenimento.

A conectividade é linha mestra para o modelo colaborativo de atuação da tecnologia, que segue em sintonia com o método científico. O meio de articulação da conectividade é a Internet por excelência, ainda que ela não esgote o tema (ROCHA, 2018). Santaella e Cardoso (2015) observam que a Internet é uma ferramenta de cooperação de alcance global, entendida como “tanto como cultura participativa quanto como tecnologia de processamento distribuído em sistemas de computação em rede” (p. 181). Na citação destaca-se a concepção de tecnologia como dispositivo, como discutido.

Don Ihde (2009) repercute a concepção de tecnologia ao propor seu conceito de pós-fenomenologia, amálgama entre a pragmática e a fenomenologia. Para o autor, o humano estabelece diversas relações com a tecnologia, cujo ápice se dá na relação ontológica: o sujeito contemporâneo não lida com tecnologia, ele é tecnologia, na medida em que seu corpo e sua consciência perpassam pela construção da tecnologia como cultura, base para a compreensão do sujeito cognoscente.

Arte e tecnologia

Fundamental para a cultura, a Arte reflete e provoca a sociedade, a partir de suas instruções poéticas, seu lastro estético e seu processo catártico. Mais que estratégia de produção de encantos e padrões estéticos implicados nos objetos e ações, a Arte é o diapasão comportamental de uma sociedade, na medida em que implica valores e concepções que transcendem a objetividade das coisas do mundo, ainda que participe dela. A imanência contida na Arte é motor para a sensibilidade social, suporte de relações morais e éticas, refletidas em padrões estéticos. A Arte é valor para a cultura e se realiza na materialidade dos objetos e ações, estabelecendo comportamentos e gostos fundantes, que se lastreiam na cultura, determinando padrões sociais.

Ao se articular com a tecnologia, a Arte funda um novo estatuto, tornando a interação ordinária extraordinária, convertendo o comporta-

mento comum em experiência estética. A arte tecnológica, como vertente contemporânea, funda novos padrões estéticos e, ao fazê-lo, conquista o lugar proeminente nas características da Teoria Crítica da Tecnologia de Feenberg (2003), nos modos relacionais da pós-fenomenologia de Ihde (2009) e mesmo na eCultura de Coelho (2019). A arte tecnológica deflagra e faz vibrar a própria essência da tecnologia, de que falava Heidegger (2001).

As poéticas tecnológicas inserem valor estético nos aparatos derivados da tecnologia, retirando de vez a pretensa a relação de neutralidade que ali repousava outrora. De modo análogo, as poéticas retiram os objetos tecnológicos de um lócus causal, tornando-os dispositivos humanamente controlados, seja nas instruções fundantes da própria poética, seja nas articulações estéticas de sentido, de onde emergem as chaves hermenêuticas que lançam a dialogicidade rumo ao transcendente.

A arte tecnológica, ao compreender a tecnologia, a pratica exemplarmente como dispositivo, tornando-a discurso dominante, como já se apresenta, ao tempo em que captura, orienta, determina, intercepta, modela, controla e assegura os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos, como assevera Agamben (2007). Mais que isso, cria e mantém os processos de subjetivação, fazendo com que a tecnologia aninhe nos processos simbólicos da arte, fazendo-se tão completa e complexa quanto a arte mesma. A arte tecnológica faz que não há nada mais humano que a tecnologia, fruto da intrincada mente coletiva humana, aderente à Ciência, a mais brilhante etapa da inteligência humana.

Os objetos e ações estéticas da vertente tecnológica se articulam com a abordagem filosófica da tecnologia de modo singular, pluralizando a cultura contemporânea, reconhecida ali. Ao inserir, programaticamente, elementos como interatividade, realidade virtual e misturada (virtualidade aumentada e realidade aumentada), animação computacional, imagens vetoriais, procedimentos algorítmicos, redes neurais, interfaces não convencionais, dentre outras ações de sistema, a arte tecnológica inscreve a tecnologia como elemento fundamental de sua constituição ontológica, legitimando seu contexto na cultura contemporânea. Não por outro motivo, os objetos e ações da arte tecnológica atuam como dispositivos, reverberando a poética no lastro estético.

As variações nominativas da arte tecnológica não fragilizam tal concepção, de dispositivo, embora possa, efetivamente, restringir seus contextos de produção, veiculação e/ou recepção. Web art, net art, arte interativa, arte computacional, arte digital, mídia arte, dentre outras denominações, guardam em sua condição ontológica as relações aqui postuladas, jamais se confundindo com a capacidade de simulação de outras técnicas que o ambiente digital incorpora. A codificação digital não encerra, em si, a condição das poéticas tecnológicas que, como apontado, são ativadas programaticamente pela concepção de tecnologia. Nesse aspecto, as poéticas que caracterizam manifestações artísticas de técnicas tidas como tradicionais, mesmo que em ambiente digital, não configuram objetos e ações das

poéticas tecnológicas. Ainda que o pixel altere profundamente a percepção das manchas de cor, por exemplo, a pintura digital mantém sua relação ontológica com os eixos primordiais da composição e variação cromática, distanciando tais produções da arte tecnológica.

Conclusão

A concepção de tecnologia como dispositivo implica na contextualização dos objetos, aparatos e imagens tecnológicas, ativando um sistema que engloba a produção, a veiculação, o acesso e a recepção. No eixo da arte tecnológica, tal concepção funda, ontologicamente, o princípio das poéticas e estéticas tecnológicas, com aproximações profícuas com a Filosofia da Tecnologia, em especial com o regime da Teoria Crítica, de Feenberg (2003) e com as relações modais da pós-fenomenologia de Ihde (2009).

Para além dessa concepção, entender a arte tecnológica como dispositivo repercute a imanência poética na transcendência estética, revelando o estatuto da vertente tecnológica da arte, cuja caracterização não se limita ao ambiente digital, antes incrusta todo um modelo do pensar e do agir tecnológico como princípio de ativação de sensibilidades, da arte e da contemporaneidade.

Nota

1. O texto heideggeriano utiliza os termos *técnica* e *técnica moderna*, o primeiro como o conhecimento centrado na causalidade e o segundo observando seu vínculo com o método científico. Neste artigo o autor prefere nominar o segundo de tecnologia, entendendo ser esta a intenção do filósofo alemão.

Referências

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

ARISTÓTELES. Poética. Trad. De Jaime Bruna, In: **A poética clássica (Aristóteles, Horácio, Longino)**. São Paulo: Cultrix, 2005.

FEENBERG, Andrew. **O que é Filosofia da Tecnologia?** 2003. Disponível em https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf. Acesso em: 08 dez. 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências - A questão da técnica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Ed. Vozes, Petrópolis: 2001.

IHDE, Don. **Postphenomenology and technoscience: the Peking University lectures**. p. cm. — (SUNY series in the philosophy of the social sciences). Albany: State University of New York Press, 2009.

MURRAY, Janet H. **Inventing the medium: principles of interaction design as a cultural practice**. Cambridge: The MIT Press, 2012.

OLIVEIRA, B. J. d. **Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia**. Editora UFMG, 2012.

ROCHA, Cleomar. Esthétique de la connectivité. In D'ANGELO, Biagio; SOULAGES, François; VENTURELLI, Suzete (orgs.). **Esthétique e Connectivité**. Paris: L'Harmattan, 2018. (pp. 79-84).

SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, T. **O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour**. *Matrizes*, 9(1), 2015, 167-185.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Cultura Digital.BR**. In SALVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (orgs.). **Cultura Digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

Recebido: 27 de junho de 2024

Aprovado: 28 de setembro de 2024